

## A Fé no Deus Uno e Trino: o paradoxo *Una Essentia Tres Personae* como paradigma da ação humana a partir de Joseph Ratzinger

Jefferson Luis Rodrigues de Farias<sup>1</sup>

**Resumo:** Ao tratar da Trindade em sua *Introdução ao Cristianismo*, Joseph Ratzinger traduz o significado dela para o estatuto da Teologia e para a compreensão de sua construção. Diante do fato absurdo e paradoxal do *mistério*, a fé cristã autêntica exige a humilde postura do reconhecimento dos limites da razão. Esse paradigma representa um paradoxo vital e fecundo. Se, por um lado, põe em cheque a razão humana, como uma aporia, por outro, abre possibilidades especulativas para se pensar a fé e a sua relação com a filosofia. A Trindade é sempre perscrutada na compreensão de Deus enquanto Amor e, portanto, compreendida em termos de uma vitalidade relacional da substância divina. A triunidade de Deus é posta como a relação de amor (Espírito Santo) que o Pai (amante) tem pelo Filho (amado). Eis como o mais alto grau do mistério da natureza divina é posto como objeto de fé. A partir disso, no que pese a relação do Cristão com a revelação, expor-se-á o significado do ser uno da trindade no agir humano para com seu semelhante, concluindo pelo verdadeiro teor da *Imitatio Christi* como uma configuração ao *Deus-Caritas-Servus*.

**Palavras-chave:** Trindade; unidade; práxis cristã; Joseph Ratzinger.

### INTRODUÇÃO

A teologia, que é a fé em busca de compreensão, dá passos muitíssimos mais largos que a filosofia, não que nela se negue a razão, mas que se afirme seus limites. É que a fé na revelação, princípio e termo do labor teológico, é o chão no qual a razão humana alcança, mais facilmente, a verdade, daí ela ser *scientia scientiarum*, ou sabedoria mais excelente. Frente ao dado revelado, a razão humana pode somente aceitar ou preterir, crer ou negar. Desse modo de pôr é que se traduz a questão acerca da diferença entre o Deus dos filósofos e o Deus da fé, que nos servirá como um pano de fundo não tematizado aqui.

Propomo-nos, deste modo, pensar uma categoria fundamental do Deus da fé de modo filosófico a partir da afirmação posta pelo próprio Cristo, quando diz: “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8) e “Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13,34). No limiar da noção de semelhança do agir humano para com o agir divino, encontramos a compreensão basilar da fraternidade cristã no próprio coração da Trindade Santa com a categoria de *Relação*, que afirma Deus enquanto sumo *Amor Intrínseco*. Para tanto, Ratzinger nos dará o caminho de compreensão que segue da *Trindade* para o mistério do Deus feito homem, sobre o qual pensaremos o serviço do outro como *Imitatio Christi*.

1 Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista Funcap. E-mail: [jefarias@alu.ufc.br](mailto:jefarias@alu.ufc.br)

Nosso objetivo é lançar luz ao modo como os cristãos devem realizar o amor aos outros no seguimento do seu Senhor. A Trindade é posta como paradigma justamente porque encerra em si aquela força especulativa de uma aporia que se faz entrever enquanto revelada. No que ser ela um grande mistério, em termos de absurdo, nos firmamos na compreensão de que há na Unidade do Absoluto uma comunidade perfeita, que nos impele à perfeição (Mt 5, 28). O Filho, que deu a conhecer tão sublime mistério, na medida em que nos serviu (Mc 10,45), fez-nos seus amigos (Jo 15,15), sendo nosso primogênito junto ao Pai (Rm 8, 29), para que participássemos desta Comunhão no seio mesmo da divindade.

Dito isto, esperamos erigir o fundamento da fraternidade Cristã numa compreensão da categoria fundamental da *Relação* Trina na essência mesma do Deus Uno. Pensamos que é onde se encontra o *Amor* no sentido primeiro e mais puro que, articulado em torno de uma fé madura, se traduz na caridade e no olhar fraterno em cada nível. Podemos, assim, afirmar que a fraternidade cristã não pode jamais ser reduzida à fraternidade puramente humana, pois o seu fundamento último supera em muito qualquer tentativa de especulação, mas está em cada ato fraterno pois “Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 4, 16).

## 1 SOBRE A ABORDAGEM DO TEMA

O ponto de partida para a fé no Deus Uno e Trino é a própria revelação. Entretanto, frente ao mais alto grau de exigência epistemológica, em termos de assentimento intelectual, poder-se-ia especular em que sentido a fé é aqui posta. Se se fala no conteúdo da revelação como absurdo, o que resta para a razão humana? Ou para o construir-se da teologia? Há um salto de fé em termos kierkegaardianos? Segundo Costeski

De fato, ao contrário de Kierkegaard – e também de Lessing e Tertuliano – o salto de fé para Ratzinger não é, como já foi dito, um salto no paradoxo ou no absurdo, mas no logos e no amor, entendidos como frutos da fé. Na verdade, é o salto de fé que possibilita a compreensão, a manifestação da luz do logos no mundo. Com efeito, sem o salto no logos da fé – que na verdade é o próprio Deus, que permanece em si incompreensível (daí a necessidade do salto) –, não há possibilidade de compreensão (COSTESKI, 2023, p.13)

Ratzinger assevera, assim, como a doutrina trinitária é “fruto do esforço de elaboração de experiências históricas” (RATZINGER, 2015, p.122). Se, por um lado, no Antigo Testamento, Deus se revela como Único (Dt 6, 4.), por outro, no evento da Encarnação do Cristo, tido como plenitude da revelação, Ele se revela como Trino. Em Jesus, o eterno toca o tempo, se faz participante da história e da vida humana. É o acontecimento fulcral e central do cristianismo, a manifestação de Deus e sua aproximação: um mediador nos foi dado. Para ser verdadeiro mediador entre Deus e os homens, Cristo tem de ser Deus e homem.

Encontramos nele um de *nós*, alguém que se une a nós para se referir a Deus como um *tu*, como ao “Pai”, ao mesmo tempo em que é um com o Pai e, portanto, “eu e tu num só”.

A essa experiência dual de Deus, segue a experiência da presença de Deus em nós, na nossa interioridade, no terceiro momento, onde o Espírito se verifica não como um elemento distinto em nossa relação com Deus, nem como algo puramente idêntico a Ele, mas como Ele *em* nós, no modo como Ele se comunica a nós. Nesse sentido, o Espírito é o transcendente absoluto imanentizando-se em nós. Temos, assim, o primeiro momento em que se encontra a noção da diferença na identidade divina, o que vai exigir da fé a exímia elaboração de uma compreensão suficientemente racional desse mistério. Ratzinger já adianta, aqui, a única postura autenticamente cristã possível, na qual se baseia e à qual se identifica a doutrina trinitária: “Deus é como Ele se *mostra*; Deus não se mostra de uma maneira diferente daquela que Ele é.” (RATZINGER, 2015, p.122).

Em continuação a isso, o então Cardeal Alemão identifica três *ideias-mestras* que orientaram a compreensão da Igreja para que a doutrina da Trindade fosse decidida: *a)* a fé na possibilidade do ser humano se relacionar de forma imediata com Deus, *b)* a adesão inabalável a uma opção rigorosamente monoteísta e *c)* o esforço de levar a sério a história de Deus com o ser humano. Essas três ideias fundamentais formam uma espécie de quadro de veracidade e fornecem os limites da especulação filosófica em detrimento da revelação. Assim, em Cristo, abriu-se para o homem uma via direta de acesso a Deus, posto que Ele próprio, permanecendo plenamente divino, tornou-se plenamente humano. Do mesmo modo, permanece a verdade de que há um só Deus, não havendo espaço para qualquer tipo de idolatria. Por mais que possa ser contraditório aos olhos da pura razão, ambas as verdades estão contidas no acontecimento histórico da revelação, e não se pode abrir mão de nenhuma dessas verdades. Escolher, pela simplicidade aparente da lógica puramente humana, foi o que fizeram os monarquianos e os modalistas<sup>2</sup>, por exemplo.

Contrapostas e, de certo modo, colaborando para a solidificação dessas ideias mestras, há o aparecimento desse tipo de heresia. Ratzinger, assim, expressa como o *impasse dessas alternativas* cooperou para a “renúncia à tentativa de achar uma saída e a permanência no mistério que o ser humano não é capaz de alcançar” (RATZINGER, 2015, p.125), em detrimento da atraente pretensão do saber, das soluções simples e falsamente modestas, que destroem o todo da fé. Ao analisar, pois, o subordinacionismo<sup>3</sup> e o monarquianismo<sup>4</sup>, o autor demonstra como a postura racionalista de suas propostas, ao tentar abarcar a revelação de modo simplesmente racional, atinge o cerne mesmo desta, que busca explicar: o *mistério*. É do absurdo que a razão busca se esconder, ela não pode deixar de inquietar-se frente a algo

2 Os modalistas encerravam as três pessoas na consciência humana como modos de percepção de Deus.

3 Os subordinacionistas criam que Cristo não é Deus, por mais que esteja muitíssimo mais próximo dele.

4 Os monarquianos afirmavam que as três pessoas eram somente um modo de manifestar-se do Deus uno, não sua natureza mesma, Deus usando distintas máscaras em uma peça de teatro.

que ela não domina. Enquanto que a fé só pode ser ela mesma, só pode ser útil, se se refere ao absurdo<sup>5</sup>. Por isso, a triniticidade de Deus é posta como objeto de fé, para que seja crida.

Por fim, resta, para Ratzinger, a conclusão de que se pode compreender *a doutrina trinitária como teologia negativa*, posta pela Igreja a partir da inviabilidade de qualquer outro caminho. Assim sendo, ela teria um caráter meramente alusivo, capaz de apontar para a indecifrabilidade do mistério de Deus, sem a pretensão de formular um saber positivo capaz de trancafiá-Lo em uma caixinha conceitual. Dar-se-ia, portanto, um modo de articular os limites da razão humana e a inefável transcendência divina num discurso sobre Deus. Todo conceito, assim, deve ser entendido como uma “mera indicação” e qualquer compreensão como “um simples ato de estender a mão ao inatingível” (RATZINGER, 2015, p.128).

Analisando do ponto de vista histórico, pode-se ver que há certa dialética na formulação da compreensão do dogma e que, por isso, as fórmulas “só podem ser consideradas úteis na medida em que passaram pela negação e em seu caráter infinitamente indireto que decorre dessa negação: a doutrina trinitária só é possível como teologia frustrada” (RATZINGER, 2015, p.128), como ocorre com os termos *prosopon* e *homoousios*. Nessa ordem, as heresias têm um papel fundamental no fazer-se da fé: lembrar da validade das verdades que devem ser postas ao lado de outras verdade igualmente válidas, segundo o todo. Em outras palavras, a teologia desde sempre lida com a arte de unir antagonismos<sup>6</sup>.

Ratzinger, nessa leitura, aproxima o modo de construção da teologia com certo princípio patente na física moderna: a lei da complementariedade. Segundo esta, a multiplicidade de pontos de vista, por mais contraditórios que possam ser, devem ser assumidos numa espécie de síntese abrangente. Paralelo ao que se faz no âmbito teológico há muito. Nesse sentido, segundo o autor, afastando-se do quadro lógico da física aristotélica de produzir definições, a física encontra um caminho aberto pela teologia cristã de levar em conta a visão relativa do cognoscente ao se referir ao absoluto. Outro paralelo é encontrado no fato de que na experimentação física o próprio observado, ao formular a pergunta, faz parte do experimento, da “equação”. Não há, desse modo, objetividade pura e simples. Do mesmo modo, quando o assunto é Deus, não há um mero observador capaz de apreender as respostas que busca sem ter entrado na experimentação da fé.

Aqui, o futuro Papa evoca Pascal no famoso argumento da aposta, em que, num determinado momento, o interlocutor incrédulo vê-se obrigado a decidir-se com relação a Deus, no que se segue:

Querendo evitar o salto no escuro, tenta obter uma clareza matemática: “não existirá algum meio de iluminar as trevas e acabar com a incerteza do jogo?” ele pergunta. “Sim, há um meio e até mais de um: a Sagrada Escritura e todos os outros testemunhos em favor da

5 Creio porque é absurdo.

6 Aceitar os contraditórios segundo o todo.

religião”. Mas ele continua: “Tenho as mãos atadas, minha boca está muda... Eu fui criado assim, não posso crer. O que devo fazer então?” “Então o senhor admite que a sua impossibilidade de ter fé não vem da razão; pelo contrário: a razão o conduz à fé; então, a sua recusa deve ter outro motivo. Por isso não adianta tentar convencê-lo da existência de Deus juntando mais e mais provas; antes de tudo, precisa combater as suas paixões. O senhor quer alcançar a fé, mas não conhece o caminho? Quer ficar curado da descrença mas não conhece o remédio? Aprenda daqueles que antigamente foram assaltados por dúvidas, como o senhor... Imita o seu procedimento, faça tudo o que a fé exige, como se já tivesse fé. Vá à Missa, utilize água benta, etc. Isso há de torná-lo ingênuo e o levará à fé (RATZINGER, 2015, p.132).

Fica claro, assim, que somente aquele que experiencia Deus pode encontrar respostas para as questões que sobre Ele formula. A fé não é objeto de cálculo, antes, requer engajamento vital. Deus permitir-se ser experimentado, em certa medida, posto às deflexões do homem, é algo que adquire um sentido próprio para a relação entre ambos. A própria pergunta daquele que experimenta passa a ser a chave da experimentação. As deflexões humanas, segundo aponta o autor, circunscrevem a experiência humana de Deus, como explicitam as definições trinitárias servindo-se de terminologias da filosofia da antiguidade tardia. A pergunta que envolve Deus na experimentação, desse modo, é definida por circunstâncias próprias. Mas há em Cristo, um fato único e esplêndido, Deus passa a ser experimentado no ser humano, permitindo-se participar desse experimento como ser humano.

## 2 A SIGNIFICAÇÃO POSITIVA

Ladeando a perspectiva de uma teologia negativa referida à doutrina trinitária, aos moldes pensados pelo autor, está o aspecto de sua significação positiva enquanto “declarações razoáveis”. Para tratar positivamente as formulações trinitárias, o autor se propõe a refletir a partir de três teses.

1. Iª Tese: O paradoxo “*Una essentia tres personae* – uma essência em três pessoas” está ligado ao sentido original de unidade e multiplicidade.
2. IIª Tese: O paradoxo “*Una essentia tres personae*” está relacionado com o conceito de pessoa, devendo ser conhecido como implicação interna do conceito de pessoa.
3. IIIª Tese: O paradoxo “*Una essentia tres personae*” está relacionado com o problema do absoluto e do relativo, destacando o caráter absoluto do relativo, do relacional.

Na Iª Tese, o autor expõe sobre como a fé na triunicidade de Deus explora novo nível de compreensão da realidade: a máxima unidade é aquela que produz o amor. Nessa unidade não há a uniformidade rígida, ou ainda, a indivisibilidade do átomo, mas a uni-pluralidade que de maneira radical se põe verdadeiramente para além das categorias deste mundo. Deus, numa dialética do múltiplo no uno, está acima do plural e do uno. Ele não está delimitado por essas instâncias. Ratzinger assevera, ainda, que a fé cristã na doutrina da trindade, desse modo, põe fim à dicotomia, ou dualismo, do pensamento antigo que afirma a unidade como ordem da divindade e a multiplicidade como que situada na instância da desintegração dessa unidade, como algo secundário. Desse modo, o paradoxo *una essentia tres personae* se relaciona ao sentido original de unidade e multiplicidade, ao mesmo tempo em que o supera numa espécie de síntese abrangente.

Na IIª Tese, Ratzinger explicita como o conceito de pessoa aplicado a Deus recebe uma conotação singular que excede as exigências limitantes da compreensão antropomórfica de pessoa. Deus é relação: amor que ama e que é amado no interior da sua própria natureza. Deus é linguagem: palavra que se comunica no interior de si, se ouve, se pensa a si mesmo. Deus é fecundidade: é vivo e comunica sua vida. Enfim, se esse é o molde da revelação de Deus, Ele só pode ser pessoa pois, “aquilo que não é nada mais que uno, que não se relaciona e não aceita nenhum relacionamento, não poderia ser pessoa. Não há pessoa no singular absoluto” (RATZINGER, 2015 p.134). Desse modo, o conceito de pessoa rompe e subjuga totalmente o singular, ao mesmo tempo em que permanece insuficiente para se referir a Deus, já que parte da referência do homem. Assim, o paradoxo *una essentia tres personae* se refere a uma implicação interna do conceito de pessoa, pois ele denota, em Deus, o ultrapassamento da mera particularidade e une diferença na identidade divina.

Por fim, quanto à IIIª Tese, tratada mais detidamente, o autor começa por elucidar de que maneira é compreendido o *dogma como norma de terminologia*, ou seja, o fato de uma fórmula designar “*una essentia tres personae*” demonstra uma normatização dos conceitos envolvidos. Tal normatização evita que, com o uso arbitrário e indiscernido, as palavras sejam destituídas de seu alcance e significado. Definido do modo como foi, há a possibilidade de se crer na mesma realidade quando se afirma “creio na Trindade”. Essa necessidade advém dos limites da razão ao tratar de Deus e, nesse sentido, ratzinger aponta para a compreensão de que, dado o caráter negativo da linguagem ao tratar do indizível, “convém evitar todo tipo de exagero no sentido de considerar os conceitos escolhidos como os únicos possíveis, ou tirar daí a conclusão de que essas verdades só podem ser expressas dessa maneira, descartando-se qualquer outra forma” (RATZINGER, 2015, p.135).

Prosseguindo na sua abordagem, trata do *conceito de pessoa* a partir da depuração terminológica do dogma advindo do avanço nas considerações da *relatio* na natureza divina. Assim, “pessoalidade” passa a configurar uma instância semântica totalmente diversa<sup>7</sup>: o caráter dialogal, ou relacional, presente à natureza divina. Deus é uno, substancialmente uno, mas trino, substancialmente relacional. O termo “Pai” exige a compreensão de uma

7 Do originalmente compreendido enquanto máscaras em uma peça de teatro.

relatividade, de um “Filho”, a revelação põe um “tu” no centro do “eu” divino, há certo fluxo de diferenças na identidade divina: dia-logos, interlocuções, doações, amor. Isso traduz uma revolução sem precedentes no modo como se pode ler o mundo a partir de então e, em grande parte, pode desbancar a filosofia da substância.

Com essa ideia de relacionalidade na palavra e no amor, independente ao conceito de substância e fora da ordem dos “acidentes”, o pensamento cristão encontrou o âmago do conceito de pessoa que é bem diferente e muito mais do que expressa a mera ideia de “indivíduo”. Ouçamos novamente Agostinho quando diz: “Em Deus não há acidentes, só substância e relação”. Essa equivale a uma revolução da visão do mundo: o domínio absoluto da ideia de substância está abalado e está descoberta a relação como um modo de ser original e equivalente do real. Torna-se possível superar aquilo que hoje chamamos “pensamento objetivante”, e manifesta-se um novo nível do ser (RATZINGER, 2015, p.137)

Tendo abordado de tal forma a Trindade até aqui, o autor percebe-se obrigado a apontar o modo como a especulação teológica feita até aqui conduz a um *religamento ao texto bíblico*, apesar de parecer o contrário. Desse modo, Ratzinger aponta para como tudo o que até aqui se apresentou está contido em João. Na cristologia joanina, o próprio Senhor afirma de si: “O Filho não pode fazer nada por si mesmo” (Jo 5,19.30). Entretanto, também diz: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10, 30). A primeira sentença revela o caráter relacional da essência divina, o “Filho” pode ser compreendido somente enquanto é relativo ao “Pai”, aquele que O faz ser o que é: “Filho”. Em certo sentido, o si mesmo de Cristo é um em si-outro, referindo-se sempre à sua essencialidade relacional. O Filho é sempre a partir de outro, gerado de outro. Nesse sentido, Cristo é um com o Pai na medida em que não pode ser algo a não ser em relação a *ele, nele*.

O teólogo alemão une, então, à compreensão cristológica de João a proposta do *ser cristão*. Há uma continuidade explícita entre a relação entre Cristo e seu Pai e entre os cristãos e Cristo. Ao mesmo tempo em que “O Filho não pode fazer nada por si mesmo”, os cristãos ouvem do Senhor “Separados de mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). Do mesmo modo, Cristo afirma “Eu e o Pai somos um” e, também, “Para que eles sejam um como nós somos um” (Jo 17, 11-12). Há, desse modo, uma espécie de relacionalidade transitiva entre os homens e Deus em Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Assim:

Se, por um lado, fica evidente que o ser de Jesus enquanto ser de Cristo é um ser totalmente aberto, ou seja, um ser “a partir de” e “dirigido para”, que nunca se apegue a si mesmo nem jamais de baseie só em si próprio então está claro, por outro lado, que esse ser é pura relação (e não substancialidade) e, como pura relação, é pura unidade. O que se afirma nessas palavras sobre Cristo explica, conforme vimos,

também a existência cristã. Ser cristão significa para João: ser como o Filho, tornar-se Filho e isso quer dizer: não persistir para si e em si e sim viver totalmente aberto na relação “a partir de” e “em direção para” (RATZINGER, 2015, p.139).

Aparece na cristologia joanina, além de “Filho”, o termo “Palavra” (“*Logos*”) para designar o Cristo, assim como a categoria de “missão”, vista como teologia de relação e, portanto de unidade. Estar em missão, nesses termos, é ser “a partir de” e ser “dirigido para”, portanto ser abertura fundamental e relacional como o Cristo. O “*Logos*”, aqui, adquire nova compreensão: ser relacionado e aberto, proferido por Deus para que seja dirigido aos homens. O “*Verbum*” é pronunciado por Deus (“a partir de”) e direcionado (“dirigido para”) aos homens numa relação aberta.

Por fim, servindo-se de Agostinho, o autor mostra como compreender o Cristo é compreender o ser humano. Cristo afirma: “Meu ensinamento não vem de mim, mas daquele que me enviou” (Jo 7,16), como isso pode ser compreendido senão enquanto ele se identifica com a palavra de Deus? Segundo Ratzinger, na esteira de Agostinho, o que Cristo quer dizer é “Eu não sou apenas eu; eu não sou meu, meu eu é de outro” (RATZINGER, 2015, p.141). Desse aspecto da cristologia, se pode perceber como o homem não possui seu eu, que muitas vezes é estranho a ele próprio, por mais que seja a única coisa que ele possa chamar de seu. A pergunta é posta da seguinte forma: “O que é tão teu como tu mesmo, e o que é tão pouco teu como tu mesmo?”. A única resposta possível é Cristo, pois, em todos os possíveis sentidos, o mistério de Cristo ilumina o mistério do homem (*Gaudium et Spes*, 22).

## CONCLUSÃO

Nossa conclusão é demasiadamente simples: o cerne mesmo da ação cristã é Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que nos revelou que Deus é *Relação*, *Amor* fundamentalmente, que há uma diferença na identidade mesma da divindade e que participar dessa *Comunhão* nos foi dado pela Sua graça. Nesse sentido, o Deus dos cristãos supera sobremaneira o Deus dos filósofos pois, segundo Costeski,

O Amor, portanto, corrige e dá um novo sentido ao Deus dos Filósofos. Esta é a verdadeira “carta na manga” de Ratzinger. A sua compreensão filosófica sobre Deus não poderia se fixar na pura oposição entre o Deus dos Filósofos e o Deus da Fé de Pascal, haja vista, a experiência cristã ser essencialmente amor. É o amor que une em um mesmo Absoluto originário o Deus dos Filósofos e o Deus da Fé bíblica (COSTESKI, 2023, p. 11)

Desse modo, à compreensão de Deus enquanto Verdade e Pensamento, comum entre os filósofos modernos, o advento do Cristo acrescenta a noção de Deus Amor, de proximidade sempre nova e atual, geradora de vida, e vida em abundância, vida verdadeira. Por isso,

Do mesmo modo que no âmbito religioso, o cristianismo superou os limites das escolas filosóficas ao considerar o Deus que está no pensamento como um Deus Vivo, também aqui se deu um passo da teoria ética à prática moral vivida em comum, na qual a perspectiva filosófica é superada pela concentração de toda a moral no duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo, e se traduz em ação real (RATZINGER, 2017, p.16).

Nesses termos, o *Logos*, identificado com o Ágape, determina todos os meandros da existência humana e condiciona as condições de possibilidade da perfeição do homem, pois tudo o que é relativo, enquanto relativo, faz referência ao absoluto. Não há como separar verdade e amor no agir cristão, pois

O logos do mundo inteiro, o protopensamento criador, é ao mesmo tempo amor, ou melhor, esse pensamento é criador justamente porque, enquanto pensamento, é amor e, enquanto amor, é pensamento. Revela-se nele a identidade original da verdade e do amor que, quanto estão plenamente realizados, não são duas realidades paralelas ou até opostas e sim uma coisa só, a saber, o absoluto único (RATZINGER, 2015, p. 111).

Por isso, a caridade que brota do olhar cristão, aqui em termos de fraternidade, só é realmente cristã se se opera com o auxílio e com a força da verdade, assim como um coooperador da verdade torna-se um corruptor desta se age em falta da caridade.

A Igreja não é uma ONG humanitária, seus interesses não são sumariamente imanentistas, é pela fé que ela age. Pelo mistério do Amor e da Verdade de Deus, que é luz sumamente transcendente. Ninguém jamais derramou sangue por uma débil noção de fraternidade, compreendida no abstracionismo moderno, ao contrário, foi a força da fé que levou os cristãos perseguidos a entregar-se como oblação. Não porque certamente eram melhores homens que os outros, mas porque o amor que vem da fé habilita o que crê para os maiores feitos, justamente por fazer com que se mire o horizonte absoluto do transcendente. Só por esta fé se pode superar o egoísmo que nos tenta cada vez mais, pois

A fé é aquele ponto no amor que o identifica realmente como amor; ela consiste em vencer a presunção e a auto-satisfação dos que se acham suficientes e afirmam: já fiz tudo, já não preciso de qualquer ajuda. Só uma “fé” assim põe fim ao egoísmo, a verdadeira antítese do amor. Desta forma, a fé está presente no amor verdadeiro; ela é, simplesmente, aquele momento do amor que o conduz verdadeiramente para si próprio: a fraqueza daqueles que não insistem na sua própria capacidade, mas que sabem ser presenteados e necessitados (RATZINGER, 2009, p.71-72).

Nesses termos, somente a graça faz com que sejamos capazes de amar, servir e ir de encontro com o nosso próximo de maneira fraterna, sem intenções escusas, autopromoção e vaidade. Só no Cristo servo, nos santos que o imitaram e nas orientações da Igreja se pode encontrar o modo verdadeiramente cristão de exercer a fraternidade. Aquele que esvaziou-se a si mesmo, tomou nossas culpas, serviu-nos, alimentou-nos, curou-nos e salvou-nos, nos mostrou que, como *Logos* encarnado, era o próprio *Amor*. Somente Nele nós encontramos o coração de carne que Deus havia prometido (Ez 36, 26-28) e é neste coração que podemos amar verdadeiramente ao nosso próximo. Há verdadeira fraternidade somente na *Imitatio Christi*, Cristo servo, Cristo crucificado.

## REFERÊNCIAS

COSTESKI, Evanildo. *Fé e Razão na Introdução ao Cristianismo de J. Ratzinger*. Basiliade - Revista de Filosofia, Curitiba, FASBAM, v. 5, n. 9, p. 73–89, 2023. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/basiliade/article/view/430>. Acesso em: 21 out. 2024.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o credo apostólico*. Com um novo ensaio introdutório. 8 ed. São Paulo: Loyola. 2015.

RATZINGER, Joseph. *Do Sentido de Ser Cristão*. São Paulo: Loyola. 2009.

RATZINGER, Joseph. *Deus Existe?*. São Paulo: Planeta, 2017.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2019.